

A diferença entre um parto no SUS e um parto humanizado

(Revista Exame, 01/02/2016) Em fevereiro de 2015, o HuffPost Brasil realizou uma reportagem mostrando os índices alarmantes de cesáreas nas maternidades da rede suplementar em São Paulo.

A unidade campeã chegava a 96% de partos cirúrgicos, contra os 15% recomendados pela OMS.

Nos hospitais públicos, o índice médio não passa de 30%. Isso pode parecer uma notícia muito boa. Mas não é bem assim: nem todo parto normal é um parto decente.

Nos 70% de partos realizados no SUS sem cirurgia, há uma cifra não-contabilizada: a violência obstétrica, expressão nova para um problema antigo que, segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo, atinge ao menos 1 a cada 4 mães brasileiras.

“É uma violência de gênero, machista. A mulher é objeto dessa violência por ser mulher, por seu gênero, por estar vulnerável na hora do parto”, explica Fabiana Dal’Mas Rocha Paes, promotora do Ministério Público de São Paulo que atua contra a violência obstétrica.

A violência obstétrica atinge todas as classes sociais. A mesma pesquisa da Perseu Abramo mostra que 17% das mulheres que tiveram partos na rede privada já passaram por algum tipo de agressão, verbal ou física, durante o atendimento.

No sistema público, porém, o absurdo encontra o ambiente ideal para se proliferar.

“No SUS existe uma postura, por parte dos profissionais, de que a mulher não tem escolha, e que prevalece apenas a decisão do médico. Na rede suplementar, ao contrário, as mulheres têm um mínimo poder de escolha, apesar de serem induzidas a escolher o que não querem. E eles douram a

pílula, não há tantas agressões verbais. Já as violências obstétricas no SUS são bastante morais, as pessoas já entram esperando ser maltratadas”, diz Raquel Marques, presidente da ONG Artemis.

As 27 mães cujos depoimentos foram colhidos pela ong e analisados pelo HuffPost Brasil com exclusividade foram submetidas a humilhações físicas e verbais naquele que deveria ser o mais edificante momento de suas vidas: o nascimento de seus filhos.

Subiram em suas barrigas para “empurrar” o bebê para fora à força. Tesouraram suas vaginas e períneos a torto e a direito. Cortaram-nas sem anestesia. Chamaram-nas de histéricas.

Costuraram-nas com o “ponto do marido”, sutura extra cujo objetivo é deixar a vagina mais “apertada” a fim de aumentar o prazer sexual do homem — e inviabilizar o da mulher.

Largaram-nas sem água e sem comida por horas. Impediram a presença de seus acompanhantes. Amarraram seus braços e pernas.

“Eu tinha apenas 15 anos, e aparentemente era uma gravidez saudável. Mas acordei às 6 da manhã sentindo uma cólica muito forte. Meu filho estava nascendo, de 29 semanas, coroando.

Quando cheguei à maternidade, por volta de 6h30, meu pai me carregava no colo. Até que chegou uma médica extremamente grossa... Toda vez que eu reclamava de dor ela repetia ‘na hora de abrir as pernas você não gritou, né?’.

Quando me levaram para o elevador, de maca, ela gritava: ‘não faz força, se não vou amarrar suas pernas!’, e dizia que meu neném ia nascer no meio do corredor.

Não me deixaram levar um acompanhante. Meus pais fizeram um escândalo por causa disso, brigaram com ela. Na sala de parto, mais humilhação. Lembro exatamente da frase: ‘meu ouvido não é penico para eu ficar ouvindo menina mimada’.

Me senti completamente indefesa. Durante o trabalho de parto, que foi em posição ginecológica, com as pernas para cima, subiram na minha barriga e começaram a empurrá-la, é o kristeller.

Agora tenho incontinência urinária, provavelmente por causa dessa manobra.

E fizeram um corte na minha vagina sem a menor necessidade. No fim do parto, a médica disse: 'Se fosse minha filha ia tomar uma surra'. Dessa episiotomia, ficou uma cicatriz enorme.

Depois, fiquei três horas no corredor sozinha, porque não tinha quarto. Meu bebê foi direto para a incubadora, eu nem o vi.

É um 'parto anormal', totalmente traumático. Conheço várias mulheres que fizeram parto no SUS e, depois disso, não querem nem ouvir falar em parto normal. Elas querem 20 filhos e vão fazer 20 cesáreas.

Se você tem dinheiro para pagar uma equipe humanizada, ou toda a sorte de ir a uma maternidade pública humanizada, consegue um parto decente. Ou eu pago uma equipe ou corro o risco de passar por tudo de novo.

Hoje queria ter um terceiro filho, mas não tenho coragem. Enquanto não tiver condições de pagar por um parto respeitoso, prefiro não ter.

Passar por aquela situação de medo, fragilidade, sozinha, sem qualquer apoio, as enfermeiras gritando com você, uma médica que se acha Deus, que te faz passar fome por 10 horas, sede por 10 horas, é muito traumático.

Tem a sensação de felicidade porque seu filho nasceu, mas também de humilhação e indignação por ter passado por tudo aquilo."

Quando se pode pagar uma equipe de assistência humanizada em um hospital privado, o tratamento é o oposto.

Mas custa caro: é preciso desembolsar no mínimo R\$ 10 mil por uma equipe completa.

No plano de saúde, é preciso sorte: os níveis de cesárea são estratosféricos, e é quase impossível ter um parto humanizado ali.

A assistência humanizada começa muito antes do parto. O acompanhamento de uma doula, por exemplo, inclui exercícios para fortalecer a musculatura, massagens para aliviar a dor, suporte emocional e muita informação.

Paty Scano chama de “anja” a doula que a ajudou a dar à luz seu filho Pedro. Também contou com a ajuda de um neonatologista e um obstetra de confiança, além de todo o apoio do marido Paulo, que participou de tudo do começo ao fim.

“Saímos correndo de casa, eu de camisola, uma blusa por cima, calça de moletom e havaianas. A minha doula temendo que o bebê nascesse no carro pediu uma toalha. Nesse momento a “ficha” caiu para o Paulo: nosso bebê estava chegando.

Já no caminho, tivemos a sorte de encontrar um carro do CET, que ao saber da nossa situação, nos guiou da avenida até o minhocão, que já estava fechado.

Tivemos o minhocão livre para nós. Chegamos no São Luiz muito rápido. Não fiz ficha, não dei boa noite para o segurança, apenas saímos todos correndo para a sala de parto, onde já nos esperavam o Dr. A.J., obstetra, e o Dr. C., neonatologista.

Tirei a roupa rapidamente e logo entrei na banheira. Fiquei lá com a minha doula ao meu lado, conversando e me confortando o tempo todo.

Ela colocou uma toalha quente no meu peito e me senti super confortada, apertando a mão dela nos momentos de contração intensa. Lembro que a minha doula me dizia a cada contração: “é menos uma, querida”, e de como era bom ouvir aquilo.

Saí da banheira e lembro que o Dr. A.J. fez outro exame de toque, já estava tudo bem adiantado. Fiquei de cócoras no banquinho, o Paulo me segurando por trás.

Sentia as contrações, mas ainda não tinha vontade de fazer força. Eu gritava

bastante, não conseguia me controlar.

O Paulo de vez em quando saía e dava notícias a meus pais, que estavam do lado de fora. Cansei de ficar de cócoras, tentei ficar de quatro, ficar de lado e acabei me ajeitando na posição convencional, mas meio inclinada, sentada.

Sentia muito frio e me deram um cobertor. Eu olhava para todos e pensava que aquele momento era único, estavam todos lá para me ajudar. O Paulo tentava me confortar, queria contar piadas, estórias nossas...

Já víamos a cabecinha dele, super cabeludo, cabelos pretinhos. Foi então que o Dr. A.J. ficou do meu lado e disse que tudo estava dependendo exclusivamente de mim. E logo senti vontade de fazer força e trazer meu filho ao mundo. Na minha cabeça tudo acontecia de forma muito rápida e pensei assim: “agora ele vai chegar, já está tudo terminando, vou fazer bastante força para ele vir logo”.

Quando a cabecinha passou, senti aquele famoso “círculo de fogo” que falam, é uma quentura e você sente que está se abrindo, difícil explicar. Depois, os ombros e o corpinho, que nem senti. Segurei meu filhote nos braços e fiquei atônita, ele era lindo, perfeito, olhos abertos para mim.

Não consegui chorar, fiquei sem reação. contei os dedinhos das mãos, dos pés, vi a pele perfeita, aquele monte de cabelo pretinho: a minha vida estava ali.

Pedro nasceu à 1h19, do dia 7/6/2006. Mamou por 2 horas seguidas e não queria de jeito nenhum sair do peito. Não precisei de episiotomia e tive uma laceração que não foi importante.

Dr. A.J. sugeriu alguns pontos, mas pedi que não o fizesse, quis que fechasse naturalmente e foi assim que aconteceu.

Só depois pude reparar direito no clima daquela sala. Estava à meia luz e no teto, luz de cromoterapia na cor verde, incenso aceso e meu filho tomando banho na tummytub pelas mãos do Dr. C. e do Paulo.

Ao redor, meus pais, meu irmão e minha cunhada. Pedro de olhos abertos,

imerso na água, olhando para todos.

Dias depois, meu pai me contou que quando entrou naquela sala, ficou arrepiado com a atmosfera de respeito e paz que reinava ali. E disse que a imagem do neto, de olhos abertos, imerso na água, foi a cena mais linda que ele já viu na vida.”

Por quê?

Sabrina sentiu solidão no parto. Paty teve o marido, a doula, os pais e mais dois médicos. Sabrina teve o períneo cortado sem aviso e ficou com uma enorme cicatriz.

Paty não recebeu nem ponto. Sabrina gritou de dor e foi tachada de “histérica”. Paty gritou de dor e recebeu massagens. Sabrina foi xingada. Paty foi elogiada.

Qual a diferença entre essas duas mães, igualmente dignas de respeito, então? De acordo com Raquel, uma está mais vulnerável que a outra a problemas que são estruturais:

“Quem materializa a violência é o profissional. Pode ser o médico, a enfermeira, a auxiliar. Pode acontecer desde a recepção. Mas a causa, a razão é cultural. Ela está em todos nós de alguma maneira: machismo, julgamento da vida sexual do outro, uma moralidade embutida que faz com que mulheres pobres, negras, adolescentes, com HIV, que sejam presidiárias, sofram mais violência. As pessoas se sentem autorizadas a puni-las por terem cometido aquele ‘erro de engravidar’”

No SUS, o médico é sobrecarregado e tem pouca incentivo para se atualizar.

Por isso, métodos antigos e universalmente contraindicados como a manobra de kristeller — empurrar a barriga para “expulsar” o bebê –, que não é recomendada nem pelo Ministério da Saúde, nem pelo Conselho Federal de Medicina, são corriqueiros no sistema público.

Existe, ainda, uma questão de formação que vai além da técnica. De acordo com Raquel, há um abismo entre a formação do médico e o cenário que ele

encontra na atuação profissional:

“O médico entra muito jovem na faculdade, na minha avaliação, então quando eles entram em contato com realidades distintas de vida, não têm bagagem para lidar. E a faculdade também não dá conta de ampliar esse repertório para atender esses mundos distintos, o que desemboca lá na frente em julgamento moral”, afirma.

Outro lado

Em nota, o Ministério da Saúde diz que desenvolve uma série de ações para capacitação de profissionais de saúde, como médicos, enfermeiras obstétricas e obstetritztes:

“O grande marco para o enfrentamento da violência obstétrica é o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento, lançado em 2000.

Dentre as outras iniciativas, destacam-se: a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher e o Pacto pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal (2004); o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais (2000) e a estratégia Rede Cegonha (2011).

O Ministério da Saúde também tem estimulado a adoção de práticas que propiciem um atendimento humanizado, como a abolição da violência obstétrica, inclusive com incentivos financeiros para hospitais que aderem à estratégia Rede Cegonha e à Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC).

O incentivo é condicionado ao cumprimento de indicadores de qualidade. Por meio da Rede Cegonha, lançada em 2011, o governo federal tem incentivado o parto normal humanizado e intensificado a assistência integral à saúde de mulheres e crianças, desde o planejamento reprodutivo, passando pela confirmação da gravidez, pré-natal, parto, pós-parto, até o segundo ano de vida do filho.

Já a IHAC é um projeto realizado pelo Ministério da Saúde em parceria com Unicef para garantir incentivos financeiros às unidades que mantém assistência humanizada e qualificada às mães e aos bebês.”

O Ministério Público de São Paulo também instaurou Inquérito Civil Público para receber denúncias de violência obstétrica a fim de fiscalizar as entidades de saúde que desrespeitam mulheres.

É possível fazer denúncias junto à ouvidoria do hospital, ao Ministério Público Federal e Ministérios Públicos Estaduais, à Defensoria Pública, pelo Disque Saúde 136 ou pelo Ligue 180.

“Não há um código específico ou uma legislação, como a Maria da Penha. Essa questão se enquadra em crime contra honra, lesão corporal, pode se enquadrar em diversos tipos penais, dependendo da situação, do caso concreto. E não apenas a legislação penal, como civil também, como a caracterização de danos materiais e morais”, explica a promotora Fabiana Dal’Mas Rocha Paes.

Acesse no site de origem: [A diferença entre um parto no SUS e um parto humanizado \(Revista Exame, 01/02/2016\)](#)

Grávida, francesa deixa o Brasil para abortar: ‘Aqui tenho que mentir’

(G1, 25/02/2015) *Jovem considerou ficar em SP, mas se decidiu por cirurgia legal na França. Em relato, ela fala da diferença da visão sobre o tema nos dois países.*

A francesa D. L., de 26 anos, morou por pouco mais de um ano em São Paulo, trabalhando em uma multinacional com um contrato que iria até o fim de março. Após voltar das férias na França, descobriu que estava grávida de um relacionamento casual e decidiu abortar em seu país.

Leia mais: 'Aliviada', diz francesa que saiu do Brasil para fazer aborto legalmente (G1, 25/02/2015)

No dia 29 de janeiro, quando estava grávida de seis semanas, a jovem contou sua história ao G1 com a condição de não ser identificada e de que a reportagem só fosse publicada após sua saída do Brasil, em meados de fevereiro. Já na França, ela disse que a interrupção da gravidez foi feita e que está bem de saúde.

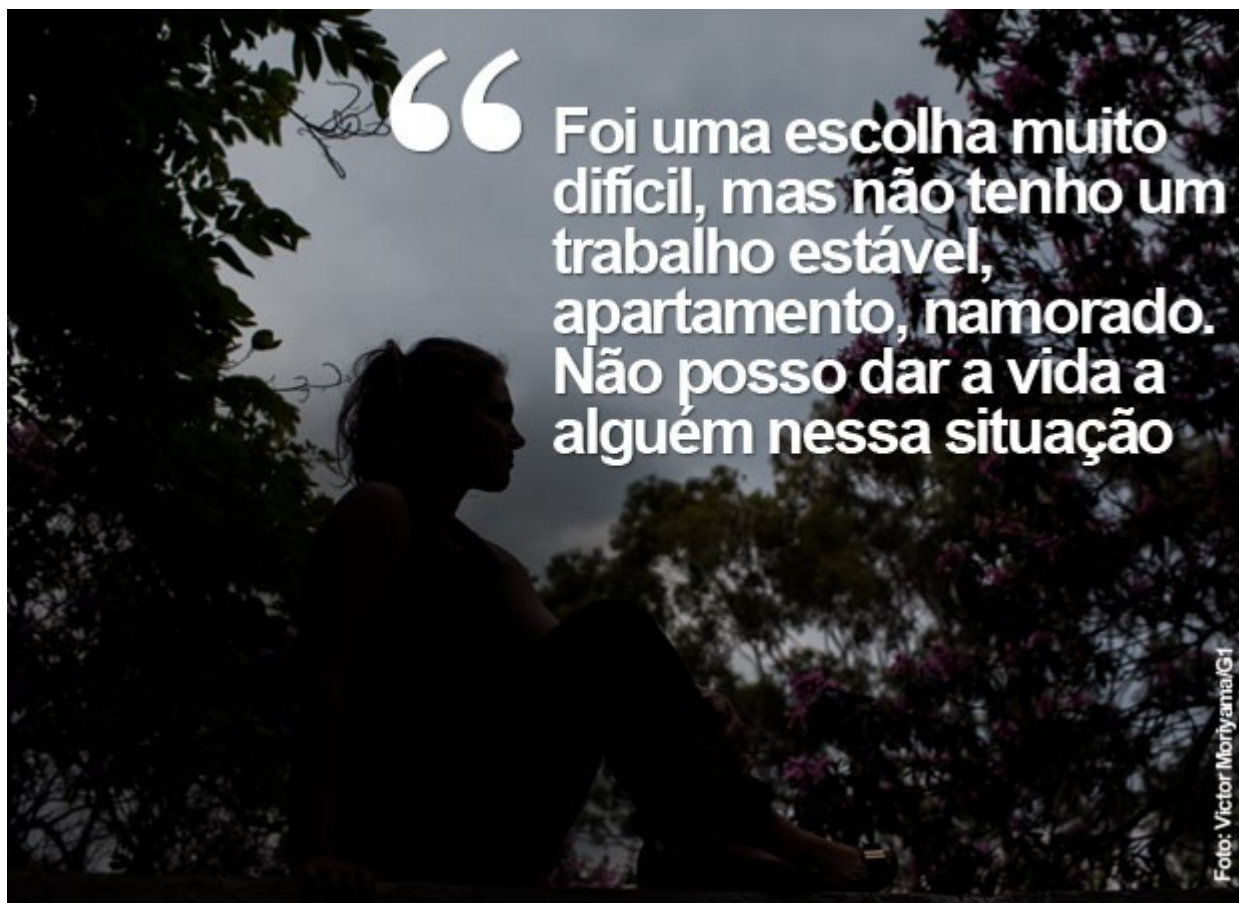
A questão da ilegalidade do aborto no Brasil é a raiz de uma nova polêmica nos últimos dias devido à notícia de que uma jovem de 19 anos foi denunciada à polícia pelo médico de um hospital em São Bernardo Campo (SP) após ser atendida em decorrência de ter feito um aborto, como noticiou o jornal "Folha de S. Paulo". Ela pagou fiança de R\$ 1 mil e responderá em liberdade, segundo reportagem de "O Globo". Se condenada, poderá pegar três anos de prisão.

O Conselho Regional de Medicina de São Paulo abriu sindicância para apurar o caso, já que o Código de Ética Médica diz que é vedado ao profissional "revelar fato de que tenha conhecimento em virtude do exercício de sua profissão, salvo por motivo justo, dever legal ou consentimento, por escrito, do paciente".

A francesa D.L. chegou a considerar se submeter ao procedimento ilegalmente no Brasil, mas preferiu voltar para o seu país dois meses antes do previsto para passar pela cirurgia no sistema público de saúde local. Na França, o aborto é legal desde 1975 e permitido até as 12 semanas (três meses) de gestação.

Leia abaixo o que ela disse ao G1 antes do aborto sobre suas motivações, suas dúvidas e sobre a diferença na maneira como a questão é vista pela sociedade dos dois países.

A DESCOBERTA DA GRAVIDEZ



Descobri que estou grávida há dez dias, mas parece que passou um século, de tanta coisa que já aconteceu. Tenho um relacionamento regular com um francês, mas não é um namoro: a gente fica junto quando estou lá. É uma história bem nova. Não tomo pílula porque o hormônio me faz mal, então sempre usamos preservativo, mas uma única vez ele estourou e aí aconteceu.

Quando contei, ele me perguntou: "Como você se sente? O que quer fazer". Disse que a gente daria um jeito se eu quisesse continuar a gravidez, mas quando falei que não queria, ele achou que era a coisa certa para mim, para ele e para o bebê.

Foi uma escolha muito difícil, mas não tenho um trabalho estável, não tenho meu apartamento, não tenho um namorado. Eu preciso de uma estabilidade, não posso dar a vida a alguém quando minha vida não é estável.

A REAÇÃO DOS BRASILEIROS

Como aqui o aborto não é legal, é um sentimento de que preciso me esconder. Isso é superdifícil. Só contei para três amigos.

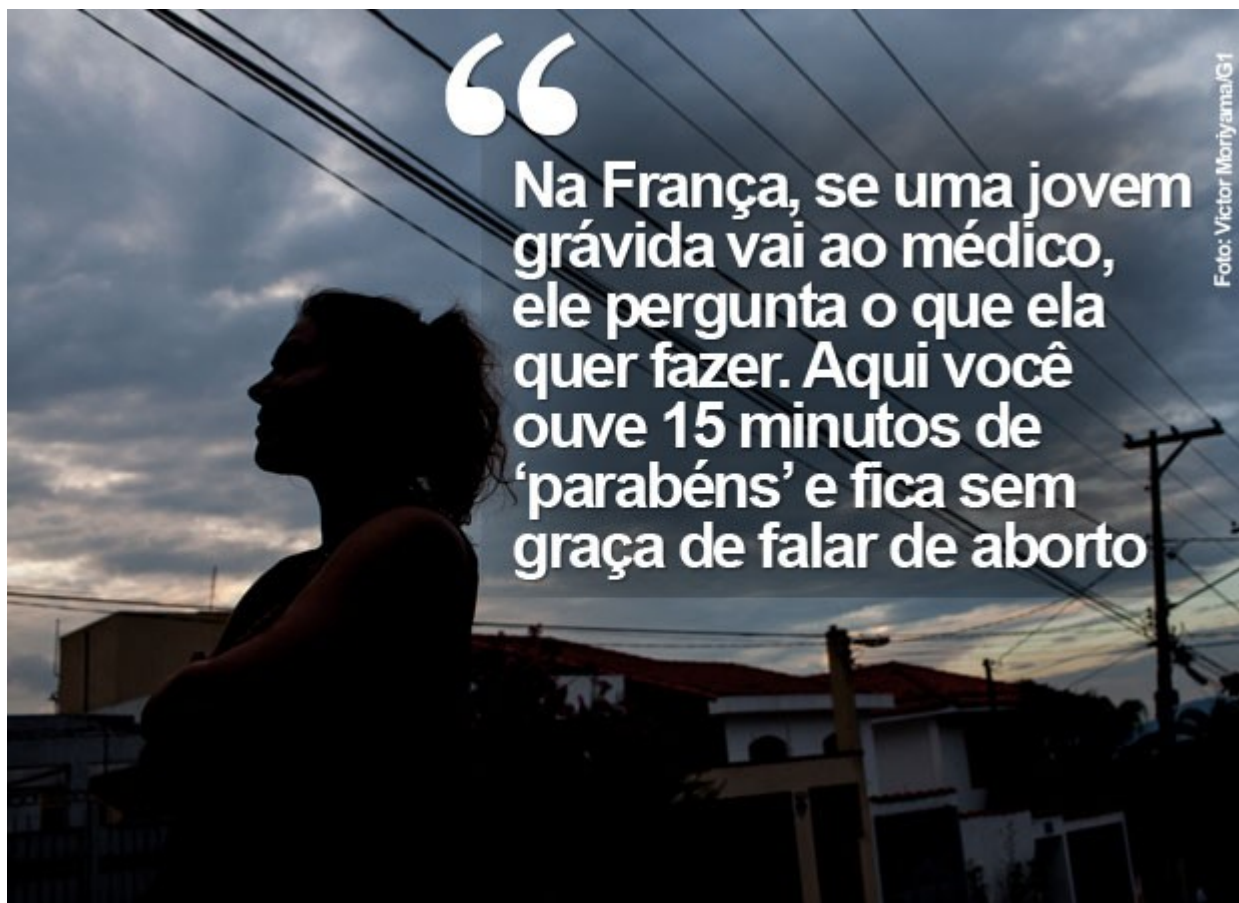
No dia em que descobri a gravidez, um amigo do trabalho passou para me dar “Feliz Ano Novo”. Não consegui me segurar e comecei a chorar. Quando falei sobre a gravidez e disse que estava pensando em não ficar com o bebê, ele falou: “Mas um bebê é uma bênção de Deus. Você não está sozinha, tem seus pais”. Ele é um cara que eu adoro, que só quer o meu bem e teve uma reação muito espontânea, sincera.

Depois disso não me senti à vontade para falar sobre o tema no trabalho e mesmo com amigos, porque acho que eles não vão entender. Não consigo imaginar isso, de voltar para a casa dos meus pais, por causa da minha história, da minha cultura.

Estou sentindo as mudanças da gravidez: enjoos, sono. Está difícil no dia a dia, porque, como tem muitas pessoas que não sabem, não posso mostrar nada. Alguns dias atrás no trabalho me senti muito mal, com vontade de vomitar, e não fui almoçar. Ninguém entendeu, porque sempre ia almoçar com todo mundo. Mas o que vou dizer?

Sabia que o aborto era proibido no Brasil, mas não pensei que isso ia me afetar em algum momento. Acho que a razão principal é a religião, mas uma coisa que não entendo é que ao mesmo tempo aqui você pode casar, separar, casar, separar, sendo que o casamento é um dos principais sacramentos católicos.

O ABORTO PARA OS FRANCESES



“

Na França, se uma jovem grávida vai ao médico, ele pergunta o que ela quer fazer. Aqui você ouve 15 minutos de ‘parabéns’ e fica sem graça de falar de aborto

Foto: Victor Moriyama/Gf

Não é que na França o aborto seja sempre bem visto, mas as pessoas conseguem entender e respeitar. Lá não pensamos em termos de matar alguém, como aqui, mas no que você quer para o bebê e para você. Aqui você não tem opção, a primeira coisa que pensam é em crime.

Lá é diferente. Quando uma jovem grávida vai ao médico, a primeira coisa que ele pergunta é se você já sabe o que quer fazer. Aqui você ouve 15 minutos de “parabéns” e depois se sente muito mal de falar em aborto.

ABORTO CLANDESTINO NO BRASIL

No Brasil, vi que tem lugares que fazem. Pessoas que conheço me indicaram, e até uma amiga francesa que mora em Bruxelas conhece um médico de São Paulo que faz, porque ela tem uma amiga brasileira. Até em Bruxelas tem gente que sabe!

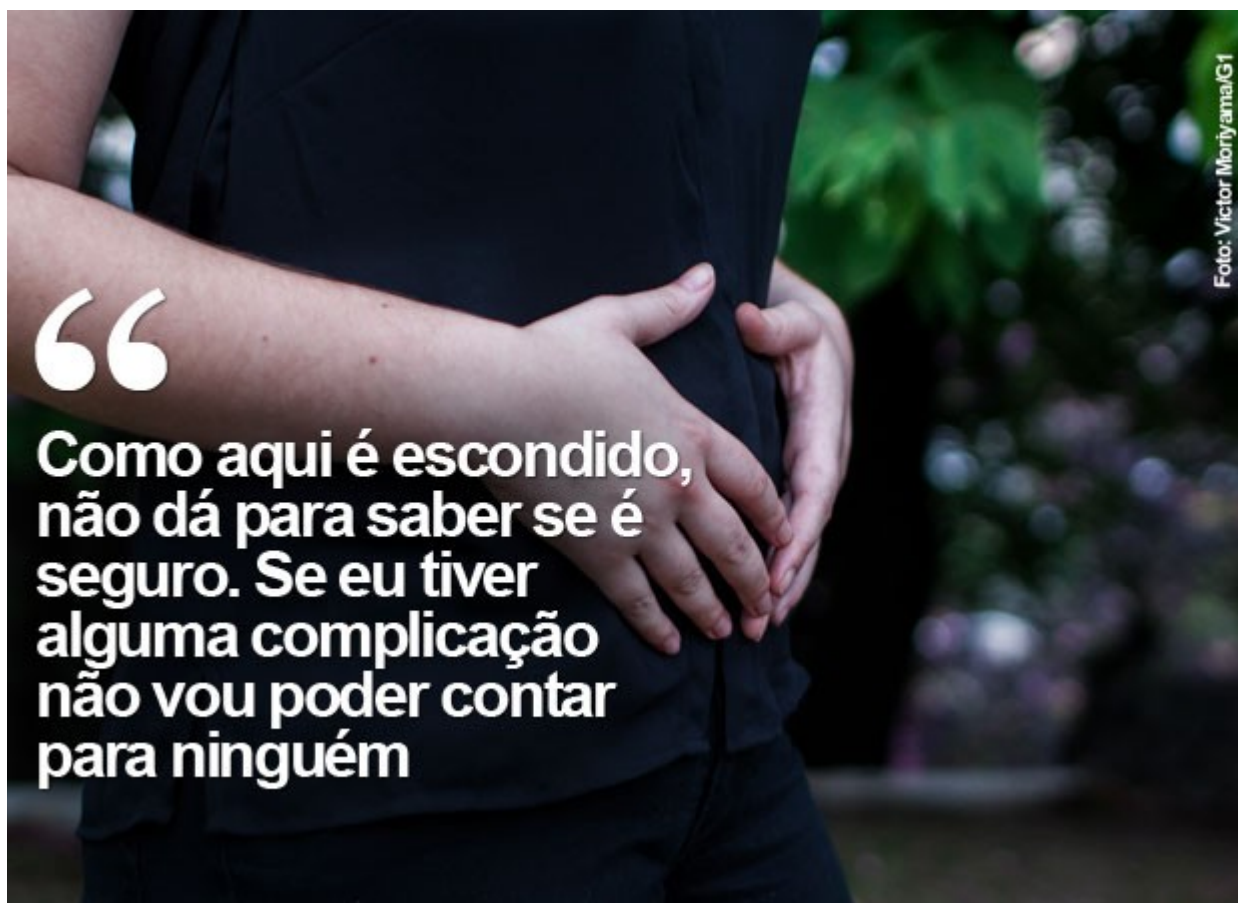
Mas como eu faria isso? Eu, sozinha no Brasil, passar por isso e no outro dia voltar para o trabalho como se nada tivesse acontecido? Não consigo. É um momento muito íntimo, pessoal, preciso poder contar para as pessoas, se

quiser, sem ser vista como uma criminosa.

Os médicos que me atenderam aqui são muito bons. Fui a clínicas muito chiques e tive o melhor atendimento da minha vida. Mas eram médicos privados. Não sei se seria a mesma coisa em um hospital público.

Há alguns anos tive um namorado brasileiro e no ano passado fiquei sabendo que ele fez uma operação e morreu de infecção hospitalar. Fiquei em choque. Na França não conheço ninguém que tenha morrido por causa disso. Então, se faço a cirurgia aqui e tiver uma complicação mínima que seja, não vou poder contatar ninguém. Fico com medo, não me sinto segura com isso.

SEGURANÇA E PREÇO



Na França, tenho muitas amigas que já fizeram aborto. Aqui no Brasil não encontrei nenhuma menina que já tenha feito. Isso poderia até me ajudar em relação ao medo da operação, ao mostrar que foi tudo bem, que não teve complicações. Como aqui tudo é escondido, não tenho como saber se é seguro, porque não há informação.

Aqui olhei na internet o preço de fazer a cirurgia e vi opções de R\$ 800 a R\$ 10 mil. Imagino que as pessoas que não têm muita grana têm que ir a lugares ruins. Isso é horrível. E se você tem uma complicação em uma cirurgia que não é legal, a quem você recorre?

COMO FUNCIONA NA FRANÇA

Lá tem um procedimento bem organizado, que ajuda a me sentir segura. Você passa por duas consultas médicas, tem apoio psicológico, tudo gratuito. Depois agenda o procedimento e, duas semanas depois, há um acompanhamento. É tudo pelo sistema público.

Eles usam dois métodos: medicamento, até o segundo mês de gestação, e cirurgia, entre o segundo e o terceiro. A única condição é que não pode ser depois dos 3 meses de gravidez. Acho certo, porque aí você já tem uma ligação bem forte com o bebê.

CONVERSA COM OS PAIS

Ainda não falei para os meus pais, porque esse momento é uma decisão mais minha com o meu “namorado”. Mas vou falar quando estiver lá, com certeza. Acho que eles vão me apoiar. Minha mãe já fez um aborto, ela me contou uma vez.

SAÍDA DO BRASIL

Vou avisar que estou voltando para a França para as pessoas que encontrar, mas não vou fazer uma festa de despedida. Vou dizer só que chegou a hora de voltar. Acho muito ruim ter que sair dessa maneira, mas vou fazer a despedida explicando o quê? Teria que mentir para todo mundo, seria muito chato mentir para as pessoas que eu gosto.

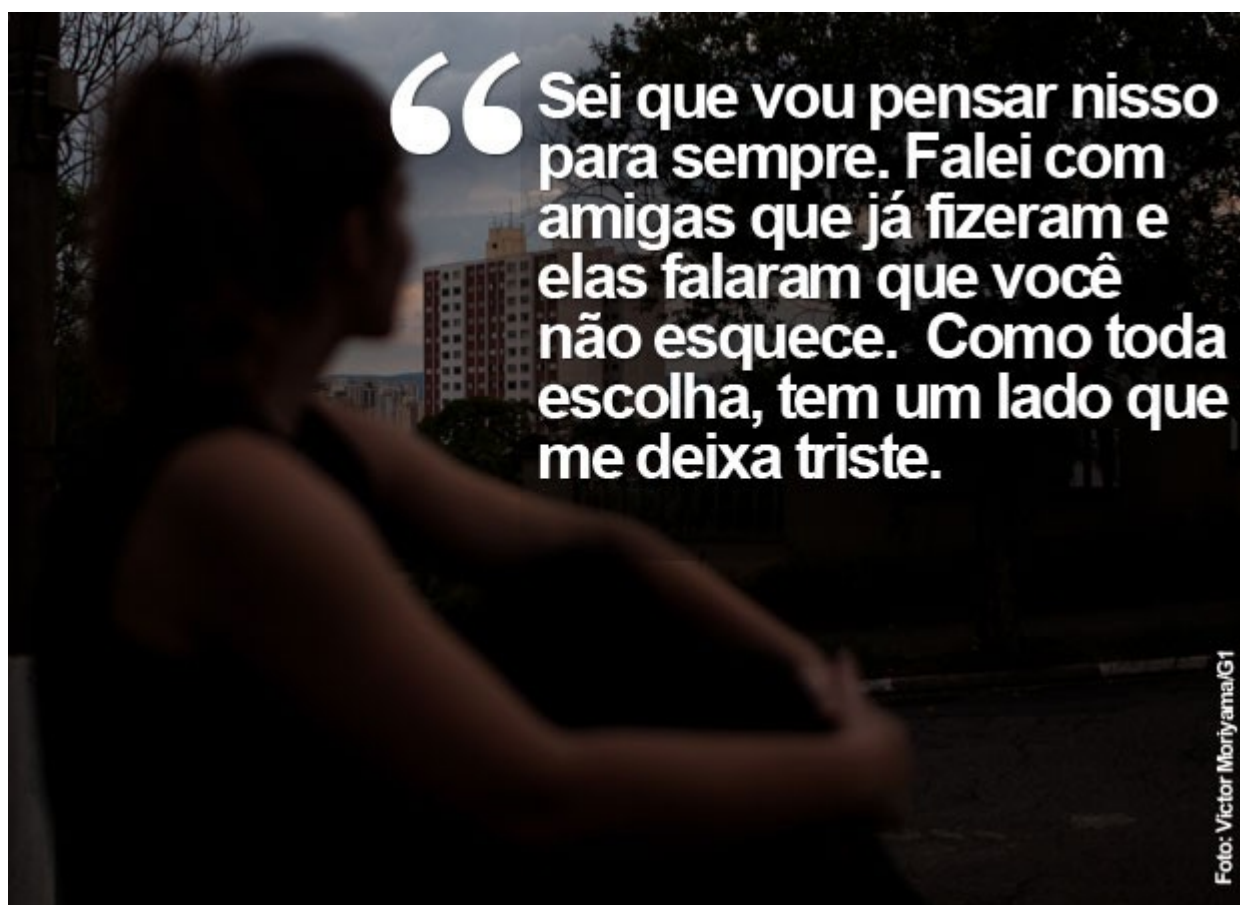
Isso é uma frustração porque adorei o tempo que passei aqui. Esperava que acabasse de outra maneira. Tinha várias coisas que queria fazer no Brasil, lugares que queria visitar, e achei que até março ia dar tempo. Agora não vou mais poder fazer.

INSTINTO MATERNO

Sempre quis ter filhos e pensava nisso para um futuro mais distante, quando tivesse por volta de 30 anos. Agora mudei e acho que quero ter um pouco mais cedo, daqui a uns dois anos. Não sei explicar, é coisa de mulher. Instinto maternal. Antes sabia que queria filhos, mas não tinha isso. E hoje, mesmo estando grávida há tão pouco tempo, já fico pensando em como poderia ser daqui a 9 meses.

Só que realmente não é o momento certo para mim nem para ele. Ele chegaria ao mundo com uma mãe que não tem emprego, apartamento, que não estava segura de ficar com ele ou não.

MEDO DO ARREPENDIMENTO



Não foi uma escolha fácil e sei que vou pensar nisso para sempre. Falei com amigas que já fizeram e elas falaram que você não esquece. Algumas dizem que passou rápido, essa saudade do bebê que não foi, mas teve outra que demorou dois anos para superar.

Tenho medo, claro. Espero que daqui a dois anos possa ter um bebê, tenha

essa facilidade. Como toda escolha, tem um lado que me deixa triste. É difícil esconder de todo mundo num momento em que você precisa ser entendida. Mas sei que fiz a escolha certa.

Flávia Mantovani e Kleyson Barbosa

Acesse no site de origem: [Grávida, francesa deixa o Brasil para abortar: 'Aqui tenho que mentir' \(G1, 25/02/2015\)](#)